



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**SELMA SCHEID LOPES, LEONESIA CARDOSO SOARES NETO E
JURACI LEAL PAIXÃO RASO**

(depoimento)

2003

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-36

Entrevistado: Selma Scheid Lopes, Leonésia Cardoso Soares Neto e Juraci Leal Paixão Raso

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS

Entrevistadores: Karine Dalsin e Luanda Dutra

Data da entrevista: 21/06/2003

Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros

Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros

Copidesque: Camile Romero

Pesquisa: Vicente Cabrera Calheiros

Fitas: (01 fita) 36/01-A

Total de gravação: 25 minutos

Páginas Digitadas: 11

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01954/2008/01

Número de registro da fita: 01954/2008/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

LOPES, Selma Scheid; SOARES NETO, Leonésia Cardoso; RASO, Juraci Leal Paixão. *Selma Lopes, Leonésia Soares Neto, Juraci Raso, (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Ingresso na vida esportiva, especificamente, no voleibol em suas cidades; situação sócio-econômica e cultural da época de suas famílias; estruturação do voleibol feminino no Brasil; clubes em que jogavam e jogam; participações em competições nacionais e pela seleção brasileira; fatos ocorridos durante as competições; possível motivo das mulheres na década de 1950 praticarem voleibol e atividade profissional.

Porto Alegre, 21 de junho de 2003. Entrevista com Selma Scheid Lopes, Leonésia Cardoso Soares Neto e Juraci Leal Paixão Raso, a cargo das entrevistadoras Karine Dalsin e Luanda Dutra para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.R. – Eu jogava em casa, mas era como você já adiantou aí, preconceito imenso. Meu pai não admitia que eu jogasse voleibol a não ser, que eu jogava em colégio e ele não ficava sabendo. Até que, me vendo jogar em colégio, eu era muito esperta, muito ágil, porque meu pai justamente não deixava a gente ir a lugar nenhum, era colégio e missa. Então a gente morava em casa, num terreiro muito grande e ficava pulando nas árvores. Eu fiquei com uma elasticidade, uma agilidade muito grande, e isso eu punha no campo de vôlei do colégio. Me descobriram. Alguém, uma pessoa até que eu conheço que era técnico, que tinha sido técnico do Minas Tênis Clube¹ me viu jogando e falou que eu tinha futuro. Então foram lá em casa, porque eu não podia jogar em clube, não freqüentava clube. Era colégio e missa que eu podia ir, então foram lá e foi uma luta para conseguir o consentimento do meu pai. E acabei indo jogar por um consentimento assim, por engano, porque ele ficou assim muito constrangido de falar não, com as pessoas que foram lá conversar com ele. Ele virou, que era a minha mãe que ia decidir. Mamãe entendeu como o fato de que era ela que ia decidir, ela entendeu que ele tinha aquecido, foi quando ela concordou. Depois que o pessoal, que foi lá me buscar, foi embora, teve uma briga doméstica lá em casa. Porque ele não queria de jeito nenhum, mas voltar atrás também não voltou. Então era assim, eu ia para o campo, comecei num time pobre, mas que o campo era pertinho de casa, eu ia a pé, a distância era *imensa*, não me dava dinheiro para a condução, eu era a única pobre no time, era um time que não tinha quadra, era um clube formado mais só de garotas da sociedade lá daquele bairro, só que todas elas tinham pais ricos, o meu... Nós éramos treze irmãos, naquela época eram doze, então não tinha a menor condição. Eu era a única no time que eles tinham que fornecer o Keds², era congá³ naquela época, não tinha conforto nenhum, eu tinha uma meia, que tinha que durar o ano inteiro, no final do ano o calcanhar dela só era cerzido e, não tinha dinheiro para a condução, então eu ia a pé. Era uma distância imensa para poder treinar num campo de terra, voltava com os joelhos todo sangrando a vontade de jogar era boa demais. É bom demais da conta com tudo isso. Uma das jogadoras, o pai era dono de uma casa de tecido, então ele dava o pano,

¹ Minas Tênis Clube. Fundado em 15 de novembro de 1935

² Marca de sapatos

e eu fiz o meu uniforme. Não era de malha não, era de fazenda mesmo, machucava a gente demais, o uniforme. O outro era dono da sapataria, e me deu o tênis, e eu então pude jogar assim. Acontece que o tênis acabou, eu fiquei com vergonha de falar que tinha acabado, então costurava o tênis com arame, se o arame arrebentava, furava o pé de todo o jeito, *esse é o meu começo*. Até que um clube maior, naquela época era até o campeão, com a extinção do primeiro clube, foi lá e conseguiu. Aí, já foi mais fácil de passar a conversa no meu pai, porquê a minha mãe já tava mais ou menos, já de acordo e tal, daí eu fui para esse outro time. *Aí*, tinha as excursões nesse Mackenzie⁴, era Mackenzie, havia excursões, nas excursões eu já tinha falado: “meu pai não admite que eu saia de casa, é só colégio e missa”, já abriu exceção imensa para o esporte. E naquele tempo tinha o negócio também dos rapazes, tinha uma discriminação imensa, não namorava moça que jogava voleibol, que punha perna de fora, aquilo era escândalo para eles. E eu já a esta altura, já depois entrei na escola superior, meu pai era aquele negócio: estudava e colégio e missa, coisa e tal, mas dentro de casa tinha que ficar. Aí, quando a minha mãe viu o Mackenzie jogando em Cambuquira⁵ no jornal, tinha a vantagem, meu pai não olhava esporte, tinha tanta parte de esporte que meu pai nem olhava no jornal, então quando saiu meu retrato de perna de fora, eu ficava tranqüila, ele não lia mesmo. Bom, um dia, mamãe começou a ler assim, estou vendo o Mackenzie jogando lá em Cambuquira, e você aqui, então você deve jogar é nada, porque o time vai jogar e não ti leva. Falei: “Mãe, vocês me proibiram de sair de casa, como é que eu vou fazer, a senhora me falou que se fosse inventar que eu ia sair, que ele não deixava jogar nem aqui, que se eu fosse pedir, ele nem joga aqui mais, nem em Belo Horizonte”⁶. Então, eu não falava nada. Aí, ela falou assim: “mas, se eu conseguir dobrar seu pai”, eu falei: “mãe, se conseguir eu juro que eles vão querer que a gente vá hoje para lá, de avião”. Ela disse: “é mesmo, eu acho que eu vou dobrar ele”. E conseguiu e dobrou. O resultado disso, a conversa foi às 11hs e a uma hora eu já estava chegando em Cambuquira, a 1h eu já tava chegando, o avião já estava lá, o avião era demorado. Bom, daí com esse entusiasmo da minha mãe, as portas foram se abrindo, aí eu comecei a jogar, mas tinha aquele negócio, saiu de Belo Horizonte tinha que ter a mãe do lado. Então eu fui campeã brasileira, com a mãe na delegação. Fui campeã sul-americana em Montevideu⁷,

³ Marca de sapatos

⁴ Mackenzie Esporte Clube

⁵ Cidade do Estado de Minas Gerais

⁶ Cidade capital do Estado de Minas Gerais

⁷ Cidade capital do Uruguay

com a minha mãe na delegação. Em compensação, deixei de ir ao Pan–Americano no México e em Paris⁸, no mundial, porquê não quiseram levar a minha mãe. Eu já tinha lugar no time, era até titular. Eu nem liguei, por quê você sabia que era, nem teve revolta, nada, achava tudo normal.

K.D. – Que idade tu tinhas, mais ou menos?

J.R. – É quando eu fui em 1956, eu tava com vinte e dois anos, fomos campeã sul-americana, mas o título mais difícil foi em 1958, campeã brasileira, a Selminha⁹ tava até no nosso time, esse foi o título mais difícil para nós. Foi lá em Santos, nós fomos campeãs, foi o último ano que eu joguei, 1959 parei e em 1960 casei. Casar, jogar casada era um escândalo, nem se podia falar então, era respeito. Eu vim a jogar por brincadeira, mais tarde com os filhos, eram maior do que eu. Levando os filhos para jogar, para praticar esportes aí eu praticava também junto [palavra inaudível] mesma situação minha, levando os filhos e a gente então jogava para se divertir.

K.D. – E a Leonésia¹⁰ pode dar tua declaração?

L.N. - Logo depois da Juraci¹¹ sou eu, eu sempre morei no interior de Minas Gerais¹², cidade pequena e naquela época eu tinha, mais ou menos, 3 anos e sempre gostei de bola, então brincava na rua, jogava na rua, porque não havia uma quadra esportiva na minha cidade, depois ele fundaram o LTC¹³, que é um clube que tem lá até hoje, o Lavras Tênis Clube, aí que eu comecei. E não tinha também as escolinhas que tem hoje, então eu com treze, quatorze anos representava praticamente o time adulto, que hoje a pessoa vai com dezoito, dezoito anos. E assim ia aos jogos do interior, que hoje eles chamam JUNIS¹⁴, e num desses jogos do interior nós ganhamos e a final seria em Belo Horizonte, então o pessoal do Minas Tênis Clube, que é um clube bem conceituado de Minas, me viu jogando e resolveu ir até a minha cidade para me convidar, para eu jogar no Clube de, Minas Tênis

⁸ Cidade capital da França

⁹ Selma Scheidt Lopes

¹⁰ Leonésia Cardoso Soares

¹¹ Juraci Leal Paixão Raso

¹² Estado Brasileiro

¹³ Lavras Tênis clube

¹⁴ Sujeito a confirmação

Clube, então meus pais eram sempre... Não tive muito problema igual a Juraci não, sabe eles me incentivavam, exatamente por não ter muitas condições financeiras, mas eu passei então a disputar pelo Minas Tênis Clube, joguei uns quatro anos no Minas e como era em capital, um clube maior, eu tive a oportunidade de ser convocada para a seleção, foi mineira, mineira universitária, por quê depois eu fiz Educação Física e fui para a seleção brasileira, quando nós disputamos o Sul-americano, que foi em Porto Alegre¹⁵, em 1958. E em 1959, eu fiquei de férias da escola de Educação Física. Fui para Lavras¹⁶, para minha cidade, e já estava praticamente convocada para o Pan-americano, que seria em Chicago¹⁷. Aí, eu já estava namorando que é o meu atual esposo, ele também foi esportista, só que naquela época ele falou bom, viu que eu ia voltar para a capital ou para viajar, e se propôs a ficar noivo. Então eu deixei de participar de um campeonato, que já estava também garantido, para ficar noiva, mas também não acho que... Bom hoje talvez a gente nem, abriria mão de tantas coisas assim, mas foi por aí que eu comecei a participar. Depois também casa, filhos, e agora tem essas oportunidades desses torneios de master, então elas me... O Mackenzie me convidou para participar junto com eles, eu me senti muito honrada desse convite, por que eu continuo morando em Lavras.

K.D. – Tua vez, agora?

S.L. – A minha história não é muito diferente da Juraci, a não ser com os pais, por que, nove irmãos, e eu comecei a jogarem bairro mesmo, campo do sete de setembro¹⁸, campo do ferroviário¹⁹, estudava no colégio Tristão de Ataíde²⁰, jogava no colégio e aí fui até o Esparta, tinha que atravessar a cidade para treinar, mas apesar de ser muito pobre, eu tinha uma vontade imensa, uma vontade de jogar, eu comecei a gostar muito e meu pai sempre me incentivou muito. Quando fui a primeira seleção, nós fomos na seleção, nós fomos daquele avião de carga, que era em Recife²¹, naquele avião de carga da Força Aérea Brasileira. Sentadinha de lado, por que só tinha um banco e outro de lado, e meu pai me falou que na época: “Vai com Deus, você tenha juízo e eu acredito em você”. Eu lembro

¹⁵ Cidade capital do Rio Grande do Sul

¹⁶ Cidade do Estado de Minas Gerais

¹⁷ Cidade dos Estados Unidos da América

¹⁸ Sujeito a confirmação

¹⁹ Sujeito a confirmação

²⁰ Sujeito a confirmação

²¹ Cidade capital do Estado de Pernambuco

muito disso, por que é um exemplo hoje, até hoje, essas histórias. E eu não tinha roupa, só tinha uma roupinha, eu fui juvenil, meu último ano de juvenil 1960, e chegamos lá, eu só tinha uma roupa: uma calça “lebre” e uma blusa, aí a esposa do técnico era acompanhante, ela comprou uma blusinha riscadinha preto, vermelho e branco. Eu morri de alegria, e eu não tirava a blusa, e as meninas, a equipe de São Paulo, foi muito engraçada, por que a equipe de São Paulo também comprou, todas compraram, porque as cores são de São Paulo preto, vermelho e branco. Elas falavam: “tira essa blusa”, eu não tinha outra, então eu falava, “mas eu não tenho outra, eu tenho que ficar com essa”. Então minha vontade era muito grande e por aí foi até ser, no campeonato brasileiro, ser eleita melhor jogadora, foi em Juiz de Fora²² no campeonato de clubes do Brasil, e era realmente a elite que jogava voleibol e eu dormia abraçada com a medalha, eu não acreditava que eu tinha ganho a melhor jogadora do Brasil, e daí foi o meu ingresso para a seleção brasileira, foi realmente na época que as peruanas e as cubanas também começaram, e as peruanas levaram um técnico japonês e as cubanas foram primeiro para o Pan-americano. Nós fomos para o Sul-americano primeiro, ficamos, tive a grata honra em Santos²³, ficamos hospedadas no Santos o único homem que entrava lá para tocar violão para nós era o Pelé²⁴ então [risos], e cantava com a gente, e tem até uns fatos muito engraçados que 30 anos depois que eu fui saber que, quando ele ganhou, o Pelé ganhou aquele Mercedes²⁵ de um americano, vocês não devem lembrar, vocês são muito novas, o primeiro carro que entrou no Brasil, o mercedinho que ele ganhou do americano louco, ele falava, azul clarinho. E nós olhando aquele carro, ele falava: “eu vou levar quatro, eu vou dar carona até na concentração, de quatro”. E eu na frente babando, trinta anos depois eu soube que as meninas faziam ele escolher o número das camisas, e elas por trás da gente fizeram os números delas, por isso elas foram escolhidas para ele, faziam o número e ele lembrava, e ele olhava e falava. E eu lá só babando, fiquei brava, trinta anos depois e eu ainda fiquei brava com elas. Aí fomos para o Pan-americano e nós jogávamos muito com as japonesas, na época eram campeãs mundiais. E a gente não conseguia uma equipe do Brasil não conseguia fazer ponto. Hoje é um baile, mas não conseguia... Um ou dois pontos era uma maravilha e elas apanhavam muito, então elas treinavam para jogar com a gente e apanhavam, numa conversa um

²² Cidade do Estado de Minas Gerais

²³ Cidade de São Paulo

²⁴ Edson Arantes do Nascimento

²⁵ Carro da montadora Mercedes-Benz

técnico japonês me chamou para ir jogar no Japão, através de um interprete, e eu falei assim: “se eu teria que apanhar também para ir”.

K.D. – Apanhar, fisicamente?

S.L. – Fisicamente! Ele no rosto a hora que errava, dava batia mesmo, era uma cultura deles, dos japoneses. E eu falei ai então que eu não ia então. Que eu não iria para apanhar, eu não iria não. Ele falou que eu teria que me submeter aos métodos deles, então eu não fui. No Pan-americano, Winnipeg²⁶ no Canadá, nós fomos na seleção brasileira, ficamos em quarto lugar, tivemos uma briga violenta com as cubanas, então isso não é do tempo agora não, 1967 sabe, e acabou o jogo elas gritavam na rede, falavam aquelas coisas e saiu uma das jogadoras, foi mesmo para bater, foi brigar mesmo fisicamente porque nós perdemos um jogo desleal, nós éramos para ganhar o primeiro lugar no Pan-americano. Fomos desclassificadas e disputamos o quarto lugar então, isso aí depois nos treinos das brasileiras e das cubanas iam seguranças, com medo de acontecer alguma coisa. Então são... O esporte é uma coisa maravilhosa que eu acho, sabe uma coisa assim que exige uma determinação muito grande, exige uma... Essas meninas... Chegam hoje... Ganham dinheiro, nós não ganhávamos dinheiro. Nós não ganhávamos dinheiro, nós chorávamos a hora que cantávamos o hino nacional, *chorava* do sentimento de amor a pátria mesmo, porque foi na época da ditadura, em que foi essas viagens todas e tudo na época da ditadura, em que a gente tinha, inclusive nesse Winnipeg, a gente tinha era um comandante militar mesmo e era esse sistema era militar, você só podia sair se saísse no boletim autorização para você sair em tal lugar assim, assim. Então foi muito bom, nosso técnico muito severo, eu fui bi-campeã brasileira por Minas Gerais. Tive na seleção brasileira por vários anos e o esporte até hoje nós temos, na minha época tem o Nuzmann²⁷, que jogava também vôlei comigo, hoje é esse brilhante dirigente do Comitê Olímpico Brasileiro, o Hécio Noman²⁸ que foi toda a vida meu técnico, ele ainda é até hoje supervisor da seleção brasileira, das seleções pequenininhas. Eu atualmente sou diretora de vôlei do Mackenzie e tenho, por exemplo, agora recebi um convite para jogar em São Paulo, um projeto futuro que São Paulo está fazendo de meninas de quinze a dezessete anos, vamos levar as equipes do Mackenzie do Moreno, que foi um grande jogador da seleção brasileira sabe,

²⁶ Cidade do Canadá

²⁷ Carlos Artur Nuzmann

comentarista, esqueci o nome dele agora que ele esteve na Rússia, e ele para vir embora ele trouxe... O pai dele era idealista, ele foi para Rússia e para ele vir embora ele tinha que jogar cinco horas, ele tinha que ficar batendo bola, levantando. Então, são histórias assim, e hoje... É Paulo Russo, até que é o apelido dele, e hoje estão aí brilhando na direção do esporte. Então, o esporte é essa maravilha que traz você, quer dizer, ele trouxe você lá de baixo, tudo... Me deu personalidade, ele não me deu dinheiro, ele me deu entendimento da vida, compreensão, não me deixou ser uma pessoa viciada, nem cigarro, nem bebida e exemplo de vida também, porque nós fomos, essa delegação no Canadá, nós fomos sem um remedinho sequer. E é muito interessante, a gente ia, via as americanas treinarem, e eu achava aquilo um absurdo, elas faziam uma bota de esparadrapo e acabava o treino, tiravam aquela bota de esparadrapo, então a delegação brasileira de quase duzentas pessoas naquela época já ia, o governo realmente isso aí ele levava. A gente ia lá e enrolava aquele esparadrapo, era o esparadrapo que a gente tinha para usar, dos pés das americanas. Mas valeu demais, está certo, valeu demais eu acho que é o exemplo de tudo na vida. Eu sou professora de Educação Física, a maior parte das jogadoras são e se eu pude levar para minhas atletas, fui técnica e agora estou jogando, jogando aos 60 anos que é uma coisa uma dádiva de Deus, porque invés de estar aí, agoniada, depressiva, em hospital, porque o que o aposentado faz: ele vai no banco todo dia, para olhar o saldo dele, e vai procurar médico, então todo dia ele troca de médico, porque ele não tem outra coisa para fazer, é aqui no Sul, a beleza dessas praças, eu vejo que é diferente do meu estado que eu amo muito, quer dizer uma praça hoje, se você lá, se você está sentado numa praça, um direito que você tem, que você adquiriu o seu tempo de aposentado, de trabalho e tudo, se você sentar para ler o jornal, eles vão falar: “olha lá que vagabundo, está sentado para ler jornal”, mas isso é importante, assim como o esporte, eles falam, nós economizamos, pagamos a nossa mensalidade, viemos de avião. As meninas hoje tem um padrão de vida bom nessas viagens, ficamos em hotéis bons, mas nós merecemos, pelo tanto que nós jogamos, esfolamos os joelhos, que não existia joelheira, passamos... Até empurrava ônibus, porque não tinha estrada, mas ia jogar, ia disputar. Então é um pouquinho dessa história, esse projeto que vocês tão fazendo, esse trabalho, esse estudo é muito... Nos anima em acreditar nessa juventude que está por aí, está certo porque eu acho que nada é perfeito sem história, a história tem que existir.

²⁸ Nome sujeito a confirmação

K.D. – Obrigada, eu gostaria de fazer mais uma pergunta para vocês, sei que nós temos pouco tempo, mas eu gostaria de uma visão geral sobre a estruturação do voleibol no Brasil feminino, como vocês vêem esse processo? Começamos pela Juraci.

J.R. – O voleibol, esse voleibol oficial, esse eu não posso dizer não, esse eu não tenho vivência, quem tem é a Leonésia Campanha, esse eu não tenho vivência desse não.

K.D. – Mas a estruturação da época quando surgiu a partir, de quando surgiu?

J.R. – Quando surgiu no meu tempo, não existia ainda a Confederação de Vôlei, então era a Confederação Brasileira de Futebol, então era tudo para o futebol, então esses esportes especializados ficavam todos assim, na dependência de se sobrar verba, se sobrar alguma coisa então eles faziam um campeonato para nós, mas era sempre em segundo lugar, então eu vi com a criação da CBF, Confederação Brasileira de Futebol, essa coisa mudar, então era dirigentes *já* do voleibol, Confederação Brasileira de Voleibol, quer dizer, gente que estavam direcionados ao voleibol, então a situação mudou muito, isso eu vi no presente, pena que eu não pude vivenciar isso, no meu tempo não tinha.

K.D. – Selma?

S.L. – Eu também concordo com Juraci, porque agora é completamente diferente, quando você faz a comparação, como a Leonésia mesmo disse, primeiro nós éramos amadoras, nós jogávamos pelo coração, pela camisa, está. Eu não digo que hoje esteja errado, porque inclusive o Brasil está em ponta, eu tenho, por exemplo, coincidentemente, duas atletas, uma que tá na seleção agora, a Marcell²⁹ que é levantadora oficial, é da minha cidade. E a Ana Paula³⁰ que, esta do vôlei de praia também, que veio da minha cidade, quer dizer então que praticamente hoje a situação delas é diferente, na prática desse esporte.

K D. – Leonésia?

²⁹ Nome sujeito a confirmação

³⁰ Ana Paula Rodrigues Connelly

L N. – Eu já falei né, porque realmente, eu acompanhei a evolução do Nuzmann jogador até o Nuzmann presidente do Comitê Olímpico, sabe, é uma pessoa seríssima, e ele, o Nuzmann, tinha na época, era o único homem que entrava também assim, na viagem conversava com a gente, o Hélcio não permitia. Então, esse tino dele para administrar o esporte, você vê que vem desde jogador, e na maioria. Hoje eu sou diretora de vôlei e sem remuneração, é bom que se diga, no Mackenzie, e nós temos dado também várias meninas, a Érica³¹ que hoje está, que hoje foi para o BCN³², era do Rexona³³. A Sheila que está bem no Minas, saiu lá do Mackenzie, tem a Nicole³⁴ que também tava no Rexona, agora não sei onde ela está e estamos mandando mais jogadoras. Então o Mackenzie realmente é um celeiro mesmo, ele manda as jogadoras, mas é de uma maneira diferente da gente, hoje a gente senta, conversa, combina, temos um projeto em que eles mandam, eles dão para gente material, bola e sempre fomos dentro da quadra, nós somos inimigos mesmo, Minas e Mackenzie é a maior rivalidade no voleibol, Mackenzie é um clube estritamente é, desde muitos anos, de voleibol. Um clube de sócios, mas que ele tem o padrão máximo no voleibol, o nome máximo no voleibol e, tem chegado. Eu quero o quê? Bolsas de estudo, a gente batalha para as meninas terem uma escola, está certo, vão para o Minas depois, a gente indica para o Minas, se o Minas não quiser, mas tudo assim dentro de uma abertura muito grande, sem imposição, está certo, porque são amadoras, até infanto-juvenil, o Mackenzie disputa até infanto-juvenil, quando elas terminam o infanto-juvenil, a gente encaminha elas para o Minas. Isso é muito gostoso da gente estar curtindo, eu acho que está certo que hoje o voleibol, você tem que analisar, eu quero que a menina estude, eu quero que a menina tenha a sua formação, que ela pratique o esporte, dentro da disciplina, a gente exige muita disciplina dela, consegue bolsas de estudo, tem que jogar pela escola, tem que fazer Educação Física está certo, mas na hora delas subir, é uma carreira, é um emprego é uma formação de nível superior, porque a gente manda essas meninas e na realidade, os técnicos que fica, a direção que fica daqui a um, dois anos elas tão ganhando infinitamente muito mais do que a gente, mas, e só resta o orgulho de ter formado alguém, sabe, então eu vejo muita coisa boa, não precisa o atleta ganhar cinquenta mil por mês, você tem que levar a menina a entrosar com a família dela, porque muitas vezes são meninas pobres, carentes que tem vergonha, são as que mais sobem, são as grandes,

³¹ Érica Pelly Pereira Coimbra

³² Equipe de Volei BCN/Osasco

³³ Equipe Rexona Ades

³⁴ Nome sujeito a confirmação

imensas que ficam aí jogadas, a gente vai procurá-las e tratar essas meninas assim, colocar dentro de um meio social que possa mais futuramente, quando chegar o dinheiro, ela ter uma formação básica para saber administrar o bem dela. Porque o voleibol hoje ele dá retorno, o esporte em geral, não só o voleibol, ele dá retorno financeiro como se fosse uma carreira mesmo. Então tem aquela advogada, também advogada eu sou professora de Educação Física e a gente, quer dizer, batalhou muito para chegar, para ter alguma coisa, para ter um apartamento, para ter um carro, uma vida independente. Elas em um, dois anos, hoje, elas conseguem isso facilmente, um, dois, três apartamentos, acaba sustentando a família inteira sabe, acaba, às vezes, sendo explorada pela família inteira, sabe. Nós temos casos disso, a atleta ela passa a ser famosa, ela passa a ser, manter a família inteira, eles param de trabalhar e tudo para, isso é o [palavra inaudível] de família. Mas eu acho muito bonita sabe, principalmente com esse esporte que você precisa de ter o conjunto, você tem que saber conviver com mais cinco dentro do seu espaço de nove por quatro e meio. Então você tem que saber conviver ali, para vencer, então é muito legal a determinação tem que ser muito grande e, eu espero que o voleibol chegue aí e conquiste os títulos, esse ano estamos disputando o Gran Prix, estamos disputando o Pan-americano, estamos disputando é, um outro torneio, Campeonato Brasileiro Juvenil, elas treinam em Belo Horizonte, a seleção está treinando, são meninas imensas, tem muitas daqui, Santa Catarina³⁵, Rio Grande do Sul tem algumas lá em Belo Horizonte treinando e dentro de uma disciplina da mesma coisa da nossa época, com mais abertura, porque hoje é uma mulher casada. . Eu quando fiquei noiva eu parei de jogar, porque realmente não existia isso, você não podia, você ficou noiva a CBV³⁶ achou que eu não podia jogar. E hoje elas casam, tem filhos e continuam a jogar, isso é maravilhoso, isso é um futuro. Espero que esse projeto seu também, que vocês também... O simples depoimento nosso aqui, que são, pra nós, coisas valiosas, que sirvam de incentivo para vocês e a outros a quem vocês vão levar, incentivo para um trabalho legal e um amor a vida certo, uma melhor qualidade de vida também.

J.R. – Eu gostaria de acrescentar, que o esporte me deu, e acho que dá a todos também, este sentimento que nunca está perdido uma batalha, sempre mais alguma coisa na frente que a gente pode ganhar, e se perdeu uma batalha, não perdeu a guerra, tem sempre um

³⁵ Estado Brasileiro

³⁶ Confederação Brasileira de Vôlei

amanhã e pode ter outras vitórias, então a gente não pode parar de lutar nunca. A esperança está sempre presente.

L.N. – É com essa determinação, que passa para nossa vida, também, no caso que já estamos casadas e com filhos já criados, muitas já tem netos, sempre tem esse cantinho lá do seu cérebro, do seu coração que você lembra que o esporte fez isso por você.

K.D. – Eu só gostaria de perguntar uma curiosidade que eu tenho, na década de 50 a maioria, que eu tenho estudado, das mulheres que praticavam esporte, a grande parte praticava vôlei. Existe alguma explicação para isso?

J.R. – Não sei, mas era o esporte sempre indicado para a mulher, talvez pela falta do contato físico com o adversário, isso aí era um preconceito muito grande, e havia no meu tempo um preconceito de que esses esportes de contato físico, de adversário, masculinizava muito a mulher, existia esse preconceito, então o voleibol era o esporte preferido.

K.D. – Só tenho a agradecer o depoimento de vocês, vai ser muito valioso para os nossos trabalhos.

[FINAL DO DEPOIMENTO]